

S B A

REVISTA DE CULTURA

SÃO BRÁS DE ALPORTEL

EDIÇÃO Nº1 • OUTONO DE 2020

06

A PAISAGEM SÃO-BRASENSE

José d'Encarnação

08

TERRITÓRIO E PESSOAS

José do Carmo Correia Martins

09

JOSÉ PEREIRA DA MACHADA JÚNIOR

José Manuel Antonino Belchior

12

VIVÊNCIAS NO CENTRO DO UNIVERSO

César da Luz Dias Correia

17

A MATAÇÃO DO PORCO

Júlia da Graça Guerreiro Dias Neves

19

A ADEGA DO TI JOÃO NEVES

Francisco Dias Neves

23

AS CASAS BANCÁRIAS NO ALGARVE

Virgílio Martins

34

HISTÓRIA DO EXTERNATO S. BRÁS

José Amândio Afonso Pereira

38

CELEBRAR ESTANCO LOURO

Maria Manuel Valagão

42

**A AÇÃO MECENÁTICA DE
DOM LUIZ BRAMÃO**

Emanuel Andrade Sancho

Por opção expressa dos autores, alguns dos textos constantes desta Revista não seguem o Acordo Ortográfico celebrado em 1990 entre os países de expressão portuguesa.

A PAISAGEM SÃO-BRASENSE

– Património a acarinhar

Extasiava-me, do pátio de trás da casa de minha avó, no Cerrito, a olhar para a banda dos Vilarinhos e a espriar a vista desde a Gralheira ao Malhão, quedando-me, em prece, no vulto da igreja de S. Romão.

Embevecia-me aquele sereno verde imenso, de mui variegadas tonalidades, pontilhado do branco alvacento das casas.

Pelo final da tarde, os dois moinhos da Fonte da Murta – o de pura farinha e o de rolão – recortavam-se, altaneiros, no céu alaranjado ao sol-pôr, como num conto de fadas. Aí, nesse noroeste, se encontram com S. Brás os concelhos de Loulé e Faro. Um êxtase a qualquer hora do dia.

E assim via a minha terra.

E assim a considerava berço de poetas, como os que, nos últimos tempos, eu leio na página inteira que o *Notícias de S. Braz* lhes dedica, abraço ímpar no quadro dos jornais portugueses. Era nessa paisagem, dizia eu com os meus botões, que se bebia inspiração, que decerto encantara o Aleixo e até obrigava meu pai a falar-me em rimas de vez em quando.

Por conseguinte, esse era o tema: a paisagem são-brasense como património a salvar. Eis senão quando abro o *Guia de Portugal*. Busco as páginas em que se poderia falar de S. Brás. E pasmo. Afinal, sempre fora assim! O que, do alto da casa de minha avó, no Corotelo, sempre fizera os meus encantos, também já outros enfeitiçara também. Senti de novo o olor acre e bom das flores de alfarrobeira, a cativar abelhas; deliciei-me com a beleza do farto candeio cinza numa promessa de boa azeitona

arretalhada. E não resisti. Mudei o tema. Vou partilhar emoções.

No *Guia de Portugal*, esse primeiro repositório das belezas do País, publicado pela Biblioteca Nacional de Lisboa em 1927, há, no volume II, sobre «O que se ver no Algarve», esta frase, de Raul Proença:

«É preciso conhecer as vilas, as aldeias, os campos, a serra, o mar (no Barlavento), para sentir e amar o Algarve como ele deve ser sentido e amado – como um dos mais lindos, originais e sugestivos rincões da terra portuguesa. O que há, pois, a ver e admirar nesta província são sobretudo os aspectos inconfundíveis da sua paisagem e os traços pitorescos da sua vida regional» (p. 210).

Sedutora, a descrição da viagem a partir de Barranco do Velho:

«A estrada para S. Brás continua com belos pontos de vista para a direita, num solo extremamente movimentado. Aparecem as primeiras figueiras. O caminho coleia. Os outeiros da esquerda lembram jardins em terraços. As ondulações do terreno, as sucessivas quebradas da montanha, os vales cultivados, a vegetação mais exuberante, as massas verdes dos pinheiros tomando as encostas, tornam o panorama encantador. Vê-se já Alportel, mais além o Farrobo sobre um outeiro e, de repente, numa brusca transição, entramos no jardim algarvio, o *Chenchir* dos Árabes. A mutação não pode ser mais completa. Desaparecem o mar de montanhas, os pinheirais ondeantes, os sobreiros, as colinas doces e boleadas. Deixámos a região

do xisto, entramos na dos calcários. É o Algarve propriamente dito que começa, com as suas árvores baixinhas, as suas casas brancas, as suas chaminés mouriscas e os seus pequeninos campos divididos por piteiras. Transpusemos 200 a 300 m., e parece que entramos em outro mundo» (p. 216).

Depois de se ter falado de Loulé, ruma-se a S. Brás de Alportel «por uma estrada pitoresca, uma das mais animadas do Algarve. Belas vistas à direita para a campina cheia de casais e de arvoredos e para a linha de cerros que nos separa do mar» (p. 230).

Confesso que tive de ler duas vezes, por não querer acreditar no que, a determinado momento, vi escrito. É que se explica que de S. Brás se pode «regressar a Faro por um caminho mais longo mas mais pitoresco» e, ao chegar a *S. Romão de Vilarinha [sic]*, «começa a trepar-se uma colina até subir a meia encosta o monte do *Corotelo*, numa deliciosa varanda sobre os outeiros e os campos circundantes. Poucas vezes se tem ocasião de apreciar no Algarve panorama tão colorido e gracioso. Esse panorama ainda aumenta de amplitude se, fazendo uma pequena pagarem no *Corotelo*, nos tentarmos a subir por uma íngreme vereda à assentada em que se erguem os moinhos da *Fonte da Murla [sic]*. Para o S. estende-se o mar num circuito de muitas milhas, desde as paragens de Tavira e Albufeira. Para o N. é um verdadeiro rosário de aldeias, que fecha ao longe na massa compacta de S. Brás, enquanto no horizonte se arredondam duas cadeias de cerros dispostos em anfiteatro desenhando um largo quadro de estilo *rocaille*, que seria inteiramente belo e amável se não tão desnudos de vegetação esses cerros calcinados. Nas alturas dezenas de moinhos, ao vento

propício, rodam continuamente a sua cruz de Cristo...» (p. 243).

Voltei atrás, à página 242, porque aí se destacava, a negro, **S. Brás de Alportel**. Começa-se por explicar que tem 10 961 habitantes e que era «ainda há pouco tempo a mais populosa aldeia do País». Ora toma! Referem-se as «fábricas de moagem a vapor, rolhas, velas e fogos de artifício; indústria caseira de capachos e golpelhas e outros artigos de palma».

Assustei-me com o que li a seguir o que se escrevera – «não tem o menor interesse artístico ou monumental» –, mas logo recuperei do susto, pois de imediato se acrescenta que «fica situada numa das mais encantadoras regiões do Algarve, quase na transição do *barrocal* para a zona montanhosa». Por isso, «de qualquer das açoteias da vilória a vista se perde sobre uma nesga de terra intensamente agricultada, coberta de alfarrobeiras e amendoeiras». «A certas horas do dia», conclui Raul Proença, «isto atinge o deslumbramento».

•••

Fechei devagarinho o livro de capa verde com o grande escudo dourado de Portugal ao centro.

Fiquei a saborear o que lera.

Sonhei que vão despertar vontades para não se deixarem cair tradicionais telhados de canas, em casas por habitar; para, em comunidade, se acolherem as amêndoas, os figos, as alfarrobas, a azeitona grada e boa que vão ficando nas árvores por não haver quem os acolha; para, em suma, se acarinhar, qual inigualável brinde da Natureza, esta nossa paisagem que urge salvaguardar.

Por José d'Encarnação



